

Etnografia e Histórias de vida: As Relações entre indígenas e missionários católicos em Roraima¹

Emanuel de Araújo Rabelo.
Mestre em Antropologia Social.
UFRR.
Roraima, Brasil.

Palavras-chave: Etnografia, Povos Indígenas, Missionários Católicos;

RESUMO

Neste trabalho analisaremos as narrativas das relações interétnicas e de contato entre os indígenas da etnia Macuxi e os missionários católicos. Partiremos da construção de uma etnografia das atividades das missões religiosas católicas de caráter sociopolítico. Explicaremos os processos de alteridade, agenciamentos e conflitos existentes na formação da organização sociopolítica e da homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Nesse entendimento, diante a esse contexto de pesquisa faremos uso da etnografia com base nas discussões que fundamentam esse modo de pesquisar. Segundo Da Matta (1978), durante anos a Antropologia Social esteve preocupada em estabelecer com precisão cada vez maiores suas rotinas de pesquisa, ou, como é também chamado o exercício do ofício na sua prática mais imediata, do trabalho de campo. Portanto, a prática etnográfica não tem uma norma técnica específica, vai depender em qual contexto antropológico o pesquisador estará, e quais tipos de ferramentas ele pode recorrer na atividade de campo, que, na maior parte, podem ser revistas, reinterpretadas e compreendidas de acordo com o grupo ou sujeito em que o antropólogo está pesquisando. Além disso, o processo deste terceiro capítulo é a identificação e análise das narrativas que foram colocadas pelos interlocutores. De um aporte documental sobre uma ata de assembleia dos povos indígenas recente, que está em constante diálogo com missionários católicos, mas com alta autonomia sociopolítica e étnica em especial a partir da pré-homologação nos anos de 1980 e no pós-homologação depois de 2005 na TI Raposa Serra do Sol.

¹. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

No presente texto, analisaremos as narrativas das relações interétnicas e de contato entre os indígenas da etnia Macuxi e os missionários católicos. Partiremos da construção de uma etnografia das atividades das missões religiosas católicas de caráter sociopolítico. Explicaremos os processos de alteridade, agenciamentos e conflitos existentes na formação da organização sociopolítica e da homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

Nesse entendimento, diante a esse contexto de pesquisa faremos uso da etnografia com base nas discussões que fundamentam esse modo de pesquisar. Segundo Da Matta (1978), durante anos a Antropologia Social esteve preocupada em estabelecer com precisão cada vez maiores suas rotinas de pesquisa, ou, como é também chamado o exercício do ofício na sua prática mais imediata, do trabalho de campo.

Portanto, a prática etnográfica não tem uma norma técnica específica, vai depender em qual contexto antropológico o pesquisador estará, e quais tipos de ferramentas ele pode recorrer na atividade de campo, que, na maior parte, podem ser revistas, reinterpretadas e compreendidas de acordo com o grupo ou sujeito em que o antropólogo está pesquisando.

Além disso, o processo deste terceiro capítulo é a identificação e análise das narrativas que foram colocadas pelos interlocutores. De um aporte documental sobre uma ata de assembleia dos povos indígenas recente, que está em constante diálogo com missionários católicos, mas com alta autonomia sociopolítica e étnica em especial a partir da pré-homologação nos anos de 1980 e no pós-homologação depois de 2005 na TI Raposa Serra do Sol.

Juridicamente, o reconhecimento no relatório de ação popular da Terra Indígena Raposa Serra do Sol de 2008/2009 de ministro Carlos Ayres de Brito/STF mostra em seu ponto 108 que os trabalhos de demarcação da área indígena Raposa/Serra do Sol começaram em 1977. Nesta data o tema ganhou todas as tintas dos chamados “fatos públicos e notórios” de discussão. Daí porque, em acréscimo a essa publicidade natural, o estudo de 1991/1992 foi sinteticamente publicado no diário oficial da União já em abril de 1993, tudo conforme os dizeres do caput 7º do art. 2º do Decreto 22/91 e como decorrência do aforismo do *tempus regit actum* e do princípio processual da instrumentalidade das formas.

Encaminhando a etnografia em questão, as entrevistas com o Padre Vanthuy Neto, Gilmara Ribeiro, da Pastoral Indigenista/CIMI-RR, do Professor Herundino do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da UFRR, de Ester Tello dos Missionários da Consolata e Leda Martins Leitão, Antropóloga Indigenista demonstram papéis importantes na formação e na compreensão da consciência étnica, política e conhecimento social do povo Macuxi na TIRSS, em especial, a Diocese de Roraima sendo um agente na construção desses diálogos interculturais.

Deixando claro, que nenhum indígena foi entrevistado nessa pesquisa, mas estão representados como organização social e política a partir das suas assembleias. As entrevistadas estão em foco com indigenistas que tiveram as variadas relações de contato e de alteridade dentro e fora dos territórios indígenas, em diferentes campos de atuação acadêmica, profissional, missionária e social.

E o destaque nas cinco entrevistas dos atores sociais, uma presencial e quatro remotas. É o papel da Igreja Católica em Roraima de forma presente como um agente de atuação da formação organizacional indígena, tanto no caráter histórico e étnico, como também está incluído dentro das relações de conflito com outros sujeitos envolvidos, como fazendeiros, arroteiros e garimpeiros.

O objetivo deste capítulo é justamente compreender e analisar o funcionamento da organização social e política dos povos indígenas Macuxi da Raposa Serra do Sol por meio de olhar externo e interno. Ter uma concepção e perceber que é um movimento e mobilização sociopolítico diferenciado de outros movimentos, que o mesmo tem relações de contato constantes com a sociedade envolvente (Igreja Católica e com sujeitos).

1 QUEM SÃO OS MISSIONÁRIOS CATÓLICOS NO “LAVRADO” RORAIMENSE?

PADRE VANTHUY NETO: DIOCESE DE RORAIMA

O primeiro interlocutor da nossa pesquisa é o Padre Diocesano, Vanthuy Neto, que apesar de atuar de forma direta com os indígenas dentro das comunidades, é certamente um grande estudioso dessa relação da Igreja Católica, Missões e Povos Indígenas. É direcionado como um representante institucional da Diocese hoje no trabalho em questão.

Ele nos relata seu início de trajetória no mundo eclesial católico:

Três coisas... primeira, o acesso que tive aos povos indígenas... Eu sou nordestino migrante em Roraima. Cheguei em Roraima na década de 80, exatamente em 88... final de 88 e início de 89. Jovem, tava ainda no início do ensino médio, fui fazer o segundo na Escola Maria da Dores Brasil, no 13 de setembro (bairro), meus pais moravam no São Vicente (bairro). O primeiro contato realmente com os povos indígenas quem me deu foi a experiência eclesial, do nordeste eu já vinha com a experiência eclesial e desejava ser padre e vou participar da Igreja Nossa Senhora da Consolata.. ali.. jovem em 88, com 13/14 anos e o que acontece, a gente ouvia falar nas missas e havia um jornalzinho “igreja caminho” notícias sobre os índios, e o que tinha na mídia local, naquele tempo... nos telejornais e eu chego com a família na qual os meus irmãos entram no contato direto com os povos indígenas porque foram trabalhar com compras de ouro era o auge do garimpo em Roraima. Depois, ali, uma experiência de uma outra voz a favor dos povos indígenas foi naquele ano 89. O Dom Aldo recebia aqui uma famosa comissão chamada “Ação

da Cidadania” que lançou um relatório histórico “Roraima aviso de morte”. Eu me tornei Catequista, e o Dom Aldo veio, trazer para cada Catequista esse relatório, né... “Roraima aviso de morte” e eu acho que é um divisor de águas na questão da política indígena em Roraima (não sei se você tem esse documento). Ali então o meu primeiro contato com os povos indígenas muito incipiente que eu era um migrante... mas começou um interesse com a questão indígena... **(Entrevista Pe. Vanthuy, dezembro de 2020)**

Desde o início da sua caminhada vocacional, o padre diocesano demonstrou um vasto interesse pela questão indígena. Porque, certamente viu que não tinha como desvincular a atuação eclesial da atividade missionário mesmo que não se implicasse na ação direta e de base diretamente com as mobilizações e organizações indígenas, sejam elas no campo (territórios) e no contexto urbano a qual ele estava inserido.

E, em seguida ele, já exemplifica nas suas primeiras falas sobre a compreensão dos processos étnicos e políticos dos indígenas de Roraima e como o tema e os sujeitos são recorrentes na construção etno-histórica de Roraima:

Então, tudo isso criado dentro de mim que ia ser padre teria que compreender esse fenômeno, essa experiência da igreja com os povos indígenas e dos povos indígenas com a igreja. Então, eu fui para as malocas, e uma das coisas que eu sempre não tava definido meu objeto, mas que eu sempre me perguntava o quê que os padres fizeram com vocês? E eu sempre tive um interesse de ir atrás de indígenas velhos, os vovôs e as vovós. Eu me lembro de um vovô e perguntei o quê que os missionários lá na maloca, se eu engano na cachoeirinha, região ali de Normandia/Raposa. O quê que os missionários fizeram com vocês? E eu lembro que o vovô disse assim.... Ele nos disseram uma única coisa... que nós éramos gente igual os outros... E isso me marcou muito... E aí, eu vou adentrar nesse mundo dos povos indígenas como diácono já, já carregando o peso da instituição católica, já carregando buscar respostas porque a sociedade local acusava a igreja de ser a culpada pela questão da terra, a culpada em travar o desenvolvimento aqui... porque as terras indígenas homologadas iriam travar o desenvolvimento... como foi com o Yanomami, como foi com o Macuxi e assim por diante... **(Entrevista Pe. Vanthuy)**

A primeira busca de compreensão do Pe. Vanthuy foi a questão histórica, em especial, com indígenas mais anciãos, com missionários mais antigos, como os Beneditinos até a década de 1940 e posteriormente com os missionários da Consolata. Essas inquietações foram a partir do seu projeto de pesquisa e escrita da dissertação em missiologia no começo dos anos 2000, pouco tempo antes da Homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. O ponto importante na fala do padre é o questionamento dos indígenas com relação a projetos econômicos ditos de “desenvolvimento” por mineradoras, o agronegócio, as hidroelétricas e entre outros. Para ele, marca essas descobertas dentro das populações indígenas essas ações, umas muito antigas, outras de acordo com o avanço populacional em Roraima poderia uma hora ou outra acontecer.

O padre faz esse aparato histórico, que as relações de organização social indígenas não se limitaram somente aos missionários da Consolata, e diz:

[...] o papel e o trabalho que a igreja tinha desenvolvido em Roraima juntos aos povos indígenas, e aí, eu decido então como uma dívida local da igreja local de compreender melhor o que foi a missão Beneditina, porque até então só se falava dos missionários da Consolata. Realmente diríamos assim, eles foram, a bucha, mas lá atrás, alguém que armou as coisas e deu os primeiros passos. Então, era um trabalho muito difícil porque ninguém nunca tinha escrito. É muito bom agora quando você está fazendo um trabalho sobre relações igreja e povos indígenas, você já tem várias vozes, várias opiniões do que a igreja fez ou deixou de fazer, as críticas a favor, as críticas contra. **(Entrevista Pe. Vanthuy)**

O Pe. Vanthuy esclarece ainda que esse tipo de contato mais de agenciamento, e não mais paternalista, é mais antigo, com os moldes do contexto da época. Já na conjuntura do tempo presente, sendo um sujeito social da pesquisa, um dos primeiros na questão do trabalho acadêmico e eclesial sobre etnohistória e que após o seu trabalho, vieram as discussões textuais mais profundas sobre o tema da história dos povos indígenas em Roraima, em especial, o do povo Macuxi na Raposa Serra do Sol prestes a ter a TI homologada.

GILMARA RIBEIRO: CONSELHO INDÍGENA MISSIONÁRIO/RORAIMA

Na tarde do dia 25 de março de 2021, quinta-feira, de forma remota pela plataforma google meet, outra agente nesse processo e entrevistada, Gilmara Ribeiro do CIMI Roraima, que, diferente do Pe. Vanthuy, está mais próxima às comunidades, inclusive com estudos mais antropológicos no decorrer da sua carreira como indigenista, e ela explica bem isso em suas falas:

A minha trajetória começa... Um pouco... Venho da igreja católica, minha formação de base foi da igreja católica através de uma Pastoral (da Juventude) que ela é uma pastoral da igreja e ela foi organizada na década 80 também a partir dessa prática da teologia da libertação. E aí eu começo a participar da Pastoral da Juventude e que ela tem um trabalho muito ligado com a questão social, com a realidade aqui da conjuntura. E muito de perto já vivenciei essa questão da realidade indígena aqui em Roraima... **(Entrevista Gilmara CIMI)**

Como toda atividade eclesial da base, Gilmara inicia através da Pastoral da Juventude da Igreja Católica que tem um olhar social e político a partir da juventude católica na teologia da libertação. E foi importante para que a construção de consciência fosse ressaltada para vivenciar a realidade da questão indígena em Roraima e tornar-se uma indigenista atuante no fazer desse processo de mobilizações indígenas.

Gilmara se manifesta sobre a atuação social e eclesial da Pastoral Indigenista da Diocese de Roraima para com os povos indígenas em Roraima e suas relações:

A pastoral indigenista também é um órgão da igreja católica que ele atua com os povos indígenas desde a época 60, 70, organicamente ela se constitui de forma mais consolidada na década de 75, 80, que elabora documentos, que ela faz uma análise muito séria sobre a questão indígena aqui em Roraima, aí é quando a pastoral indigenista ela avalia aquele momento, os grupos mais oprimidos, mais subjugados eram os povos indígenas que estavam todos muito sendo impactados pelas fazendas naquele período, as grandes fazendas que expulsavam os indígenas das suas terras, colocavam as cercas...(**Entrevista Gilmara CIMI**)

A pastoral indigenista² (o CIMI-Roraima futuramente) já inicia os seus estudos sobre as questões indígenas, segundo Gilmara ainda na década 1960 e 1970, e sua consolidação a partir de 1975, principalmente a partir da construção de diálogos entre a própria Igreja e os povos indígenas mais direcionados onde hoje é a TIRSS. Conflitos de relações principalmente ligados ao território indígena nessa conjuntura histórica-política, na qual se encontra a igreja católica em Roraima, fazendeiros, no geral locais que criavam gado nas terras indígenas e a atividade da agricultura em larga escala.

Ela destaca, que a trajetória da igreja é marcada por muitas mudanças, por muitas opções, por muita reflexão, e que não foi fácil para a igreja chegar nesse processo. Ela teve muitas críticas do interior da igreja também, até hoje os que não aceitam³.

PROFESSOR HERUNDINO: INSTITUTO INSIKIRAN/UFRR

Na tarde do dia 7 de abril de 2021, quarta-feira, de forma remota, conseguiria assim realizar a entrevista com outro personagem nas relações entre indígenas e missionários católicos. É o professor de origem nordestina, Herundino, atualmente professor do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima. Em um tempo, prestou serviços a Diocese de Roraima na Missão Surumu, e comentou um pouco da sua trajetória na região.

Foi funcionário no período de 94 a 2004 até 2008 no Conselho Indígena (RR). Nesse período, ele trabalhou para a diocese como professor lá no centro indígena de formação e cultural Raposa Serra do Sol, ali no Surumu, onde hoje é esse centro indígena, mas antigamente chamava missão Surumu ou missão São José. Aí quanto a nesse período, era o período justo da grande crise da retirada dos arroteiros, aí teve vários eventos lá de ataques a esses centros porque a grande briga, a grande questão tanto dos fazendeiros, garimpeiros e até mesmo dos arroteiros foram os

² O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. < <https://cimi.org.br/o-cimi/>> 02 de agosto de 2021

³ Trecho tirado da Entrevista da Gilmara Ribeiro.

últimos sair era a posição da igreja católica na defesa dos índios do CIR, dos índios que defendiam a demarcação do território, e aí nesse período, várias vezes os caminhões, eles iam lá para chamada vila Surumu, e embriagavam vários indígenas ligados a SODIURR⁴ que era uma organização criada pelo governo do estado na época o Neudo Campos e outros prefeitos e deputados articularam com algumas lideranças indígenas ligado a eles e ligado as igrejas evangélicas... Então, esses índios tem o viés político mas o viés maior é o religioso, são os índios evangélicos que combatem os índios católicos.. E aí é criada a SODIURR (que é a Sociedades dos índios unidos do norte de Roraima) e era uma organização que ainda hoje existe, sempre os coordenadores são subsidiados por caminhões, tratores, com equipamento, com contracheques dos governos, e aí eles nessa época, eles iam lá pra vila se organizam com os arroteiros, se embriagavam, os arroteiros davam armas pra eles e iam atacar a escola... Aí teve períodos que a gente tava lá dando aula e um grupo de alunos ficava ia dormir, e o outro ficava em vigília. **(Entrevista, abril 2021- Professor. Herundino)**

Dos entrevistados, o professor Herundino foi o que ficou marcado pela já convivência direta nos conflitos entre os indígenas que eram a favor da demarcação de terra contínua, com fazendeiros/arroteiros e com a ajuda de outros indígenas para destruir os projetos do Centro de Formação Indígena da Raposa Serra Sol. Criaram assim um tipo de dualidade étnica na região onde se viu um confronto entre índios católicos versus índios evangélicos com o pretexto e apoio dos fazendeiros que queriam posses das terras na região.

E ainda brinca em uma situação na sua relação com o CIR:

E aí em 2005, eu tô no CIR, eu trabalhava lá no departamento de projetos e 3 horas da tarde chega a notícia, Lula assinou a homologação... Nesse dia já estava desde de manhã na maternidade, a filha do Jacir, e ela tem um filho, E como é o nome do filho? Lula!.. Aí depois a mãe, ficou assim, não quis que ficasse Lula e tal e botou Gustavo Lula.. É Lula, inclusive no dia da festa em 2015 quando o Lula veio, o Renan Calheiros e o Lula, o menino Lula, foram apresentados pro Lula como homenagem... Interessante... Sempre tive a sorte de tá nesse momentos assim... Aí depois o CIR passa por uma renovação de lideranças mais recente de 2015 pra cá, os coordenadores são bem jovens, são jovens que já passaram pelo Centro de Formação. **(Prof. Herundino)**

Como se observa, a atuação do governo federal, do Estado Nacional na consolidação da Homologação a partir da visão do professor Herundino. E de maneira concreta a consolidação do movimento e das mobilizações indígenas e do Conselho Indígena de Roraima de forma mais ampla e autônoma e forte, e claro, a importância dos Centros de Formação Indígena para o surgimento de novas lideranças, em especial, na Raposa Serra do Sol.

⁴ Organização da Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima que é declarada opositora ao CIR sobre as temáticas indígenas principalmente sobre o território. E até então ligada a corrente protestantes-evangélicas. <<https://www.jusbrasil.com.br/processos/nome/190808260/sociedade-de-defesa-dos-indios-unidos-do-norte-de-roraima-sodiurr>> Acesso: 26/10/21

ESTER TELLO: MISSIONÁRIA DA CONSOLATA EM RORAIMA

No dia 25 de abril, domingo à tarde, pela plataforma *google meet* de forma remota foi entrevistada a agente estrangeira espanhola, representando os missionários da Consolata, Ester Tello, e conta um pouco de sua história começando pela causa indígena:

A minha história de vida começa na Espanha, que eu sou da Espanha, aí na juventude eu começo a participar por espaços dos missionários da Consolata, começo a colaborar com eles, e começo a fazer parte de comunidade de leigos ali de juventude (como aqui seria PJ-Brasil). Eu começo naquele grupo, e conforme vou crescendo, vai se pincelando e afunilando mais a vocação missionária. Eu acabo saindo em missões com meu marido em 2002, nós chegamos aqui em 2002 (Roraima), então, a gente tem toda uma preparação na Espanha de formação, tanto textual, a nível católico, a nível missionário que culmina em três meses em Madri, um curso de três meses com todos os missionários da Espanha que vão pras missões. Então a gente faz um curso intensivo também, e a nossa destinação que o Instituto dá é Roraima. A gente conhecia porque estando na Espanha íamos participar daquela campanha “Uma Vaca pra um índio” que foi feita na Raposa Serra do Sol, Dom Aldo que tava a frente naquela altura da diocese. **(Entrevista, abril 2021- Ester Tello- Consolata)**

Apesar de ser de outro país, Ester teve uma iniciação eclesial e política sobre a realidade dos povos indígenas ainda na Espanha. A vocação missionária, e os estudos sobre as missões e busca da compreensão da realidade faz com que ela seja uma agente importante nessa conjuntura de organização social e política dos povos indígenas em Roraima.

Tanto ela, quanto seu marido foram direcionados à clara missão que iriam fazer aqui em Roraima, de forma direcionada ao Centro de Formação Indígena da Raposa Serra do Sol, em especial, voltado para a educação indígena, que é uma maneira de emancipação e entender a luta e os processos étnicos dos indígenas da região. Surumu é o centro de atuação da missionária da Consolata, mas também no Baixo Cotingo e Raposa, em um primeiro momento de maneira provisória, mas posteriormente fixa dentro das realidades das comunidades do território. Ademais, relata o contato já dentro das suas relações com os povos indígenas da região:

Então assim, o meu contato e do meu marido, passa mais a partir com a juventude indígena, que vinha para estudar no Surumu, então a gente ficou mais fixos nessa parte... Depois, por exemplo, o missionário que estava no Surumu que pedia que fossemos mais acompanhar a comunidade do Surumu, fim de semana, encontros pontuais, a gente ia muito na comunidade pra falar da escola do Surumu, acompanhar os alunos que se formavam ali, mas a gente ia para conversar com a comunidade, com a família, ver como os alunos estavam.... E nesse processo todo a gente foi discernindo, os alunos passavam muito tempo fora, eles estudavam na escola e só iam nas férias pra comunidade deles, a qual gerava um desligamento muito grande da comunidade... **(Entrevista Ester Tello- Consolata)**

A ênfase da missão católica do CIMI dada pela interlocutora era voltada para a educação indígena dentro da comunidade, com alunos indígenas dispostos a aprender e aceitando os missionários onde se encontravam, mas sem deixar a consciência local e étnica das comunidades. Fizeram esse acompanhamento com essa juventude da região do Surumu de forma atenta, livre e com muito diálogo, mas sempre ressaltando as alteridades e diferenças entre a agente indigenista e os povos indígenas ali existentes.

E conclui dizendo a respeito:

Eu sou enfermeira mas uma enfermeira de um âmbito muito diferente, assim, o primeiro a gente que teve aprender muita coisa, entender e se apropriar muito da realidade onde a gente estava, então nesse ponto as lideranças e os alunos foram muito importantes pra nós nesse aprendizado... Entender uma história toda, vinham 30 anos que eles estavam lutando por aquela terra, como foi esse processo das lideranças ter pensado o que eles queriam, uma homologação em terra única, como foi esse processo de criar uma organização, onde a escola onde nós estávamos foi um ponto principal dessa luta, então pra nós, está num lugar histórico com uma juventude vinda de uma comunidade historicamente tão forte, eram lugar de encontros muito fortes, então por ali passava muitas lideranças, todos eles contavam sua luta, como surgiu, como eles foram se fortalecendo a partir dessa espiritualidade forte também de que Deus estava do lado deles, e queria eles como uma vida em abundância, e que pra eles a vida em abundância eram o seu território completo, não era o seu território em pequenas ilhas, como a gente ver na Serra da Lua e como a FUNAI queria convencer eles que era melhor... (**Entrevista Ester Tello- Consolata**)

O contato com os alunos, professores, lideranças indígenas faziam com que a missionários aprendesse a vivenciar a realidade. O entendimento histórico, étnico e político fez com que sua missão entre eles se tornasse importante no processo de luta pela terra, passando por diversas lideranças indígenas ao longo desses 30 anos. A questão do simbolismo religioso católico presente, mas claro, sem deixar as cosmologias indígenas, e o território sendo o centro da questão nesse âmbito sociopolítico e de mobilização.

LEDA MARTINS: ANTROPÓLOGA RORAIMENSE LIGADA A SAÚDE INDÍGENA

Uma outra interlocutora na nossa pesquisa foi antropóloga Leda Martins, Roraimense, de família tradicional local em Roraima, Leda começou a sua caminhada na causa indígena de forma despretensiosa. No início dos anos 90, formada em jornalismo em Brasília, e doutora em Antropologia, se interessou por uma organização de assembleia no Surumu na Raposa Serra do Sol, que é a região onde se concentra a maior parte dos centros de formação indígena da época. Apesar de ser membro de uma elite local, a consciência social e política da agente é marcante nas suas relações com os indígenas, mesmo não sendo uma missionária católica direta.

Contudo, os povos indígenas da Raposa Serra do Sol não era o seu foco de relação, mas esse contato, de certa maneira marcou-a e também o contato com outros indígenas de Roraima:

E inicialmente ia trabalhar com os Yanomami era o pessoal que eu mais conhecia, mas por uma série de fatores, acabei sendo convidada pra trabalhar... com... Eu já tinha feito até projeto de pesquisa, mas acabei sendo convidada pra mudar pra trabalhar com os Macuxi e fazer sobre organização política dos Macuxi e tal e acabei mudando meu projeto de pesquisa e fiz mesmo sobre Organização Política dos Macuxi a nível de aldeia no Maturuca, onde minha pesquisa no Maturuca e Vilimon... **(Abril, 2021- Entrevista Leda Martins)**

É correto afirmar que naquele momento, todas as questões que atravessaram a passagem dos anos de 1990 para os anos 2000 em específico na TI Raposa Serra do Sol. A comunidade Maturuca era o centro da discussão, e isto fez com que Leda mudasse seu tema de projeto de pesquisa. O estudo para entender a organização política dos Macuxi nessa região, seja os do Surumu, Baixo Cotingo ou Serras foi o objeto de pesquisa da agente nesse contexto de grandes mobilizações sociopolíticas indígenas.

Mas, a entrevista que fizemos foi marcada pelo laudo pericial antropológico sobre a criação do pelotão do exército brasileiro no município do Uiramutã na TI Raposa Serra do Sol:

E aí quando eu tava, tinha acabado a pesquisa de doutorado, eu recebi um convite da Justiça Federal do Doutor Girão pra uma solicitação pra fazer esse laudo daí do quartel... Aí eu aceitei, e aí... era... assim... Eu não tinha doutorado ainda, eu tinha terminado o mestrado mas não tinha doutorado, eu até falei pra ele, olha tem outros antropólogos já mais experientes, mais antigos do que eu que poderiam fazer, ele falou: “ Não, preciso de alguém que seja de Roraima mesmo”... Eu acabei fazendo, a professora Dora Auxiliadora que foi uma das fundadoras do Insikiran, eu fui a perita da Justiça Federal e ela foi a perita acho que do exército, acho que o exército tinha uma perita deles, acho que contrataram ela... O exército ou mesmo a prefeitura, o governo do Estado... Mas enfim.. Nós trabalhamos juntas nesse laudo foi muito importante a participação dela, eu quero ressaltar isso porque nós colaboramos muito as duas... Apesar de eu tá, de de um lado, ela ter sido chamada de outro, a gente, eu aceitei, nós fizemos a viagem juntas pro Uiramutã e tal... **(Entrevista Leda Martins)**

É certo que o laudo antropológico sobre o pelotão militar do exército no município do Uiramutã fez com que Leda conhecesse cada vez mais a realidade em conjunto com outros personagens sociais e o tipo de relações que ocorriam entre os próprios indígenas e a sociedade envolvente, civis, militares e etc.

Afirma mais sobre o conjunto de agentes indigenistas envolvidos:

Veio primeiramente da Igreja Católica, então essas discussões, quer dizer, os índios passavam por tudo isso, os índios sentiam tudo isso, os índios estavam naquele sufoco de ter suas terras invadidas, não tinham roça, não podiam plantar roça, o gado entrava comia a roça, eles não podiam caçar, eles não podiam pescar, as crianças deles eram levadas pra mão de obra barata nas casas em Boa Vista e nas fazendas, eles tinham dividas com os fazendeiros, eles viviam na dívida, eles estavam sofrendo de alcoolismo, de cachaça, as mulheres eram violentadas e tal, tal[...] e há leis, há grupos, a coisa que pode ajudar vocês isso vem do diálogo com a Igreja Católica.. Então, esse diálogo é um diálogo que não participa só os índios, participou no início os missionários da Consolata e depois esse diálogo, esse espaço de construção de direitos, de reivindicações, de conquistas, ele é um espaço que depois entrou outras. Outros atores aí, acadêmicos, antropólogos, acadêmicos paulistas, a academia, a ABA- Associação Brasileira de Antropologia, a Associação Americana de Antropologia... Aí depois vem o advento das ongs, ongs e outras associações de classe, que também se organizam e também passa a dar esse apoio... Mas é isso, eu acho resumidamente é isso... E a grande participação dos, eu acho que desse movimento. Por último é a retirada dos arroteiros, mas principalmente a retirada dos criadores de gado... Eles eram os principais agentes da colonização. **(Entrevista Leda Martins)**

Leda destaca mais, a importância da Igreja Católica para o movimento, a mobilização e organização indígena em Roraima e o fortalecimento político e social diante de colonizadores que invadiam as terras indígenas.

A abertura do espaço sociopolítico de discussão e de diálogo se amplia, não fica registro somente a Igreja Católica, mas também para organizações não governamentais que colocam o apoio, na preservação de direitos, humano e que respeite as particularidades e diferenças étnicas dos povos indígenas de Roraima, principalmente os da região da TIRSS.

REFERÊNCIAS

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 27, p.1-12, maio. 1978.

Relatório do Julgamento Raposa Serra do Sol, 2008/2009, do Ministro Carlos Ayres de Brito/STF.

ENTREVISTAS de campo: 11 de dezembro 2020

Padre Vanthuy- Diocese de Roraima, 11 de dezembro de 2020;

Entrevista Gilmara CIMI- 25 de março de 2021

Professor Herundino- Instituto Insikiran, 07 de abril 2021

Ester Tello- 25/04/2021

Leda Martins- Antropóloga Roraimense ligada a saúde indígena, 27 de abril de 2021